

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOÃO CARLOS VICENTE FERREIRA

Excelentíssimo senhor presidente da Academia Mato-grossense de Letras, Eduardo Mahon, senhoras e senhores acadêmicos, autoridades presentes, meus caros amigos e amigas, minha querida família, meus senhores, minhas senhoras.

Primeiramente quero agradecer aos colegas acadêmicos a generosidade do incentivo à minha audaciosa inscrição nesta Academia e, também sobre o resultado positivo de minha eleição, por expressiva votação.

Chego hoje nesta ilustre Casa, certamente trazido por uma missão de vida, pois compreendo que absolutamente nada ocorre por acaso.

Venho para ocupar, com muito orgulho e, sobretudo, com humildade, a Cadeira 27, da qual é Patrono José Barnabé de Mesquita, pai de nosso primeiro presidente, e que foi ocupada, ao longo dos tempos, por duas ilustres figuras da nossa vida literária e cultural: Ana Luiza Prado Bastos e Ubaldo Monteiro da Silva. De ambos discorrerei sobre as atividades literárias e curriculares logo adiante, o que envolve, de certa forma, grande responsabilidade, pois tenho que corresponder à expectativa de produzir um texto que, no mínimo, justifique a minha entrada neste seletto mundo de literatos, poetas, contistas, romancistas e cultuadores de nossa memória histórica e da intelectualidade matogrossense.

Sobre os discursos disse o filósofo e pensador Sócrates: “Todo o discurso deve ser construído como uma criatura viva, dotado por assim dizer do seu próprio corpo; não lhe podem faltar nem pés nem cabeça; tem de dispor de um meio e de extremidades compostas de modo tal que sejam compatíveis uns com os outros e com a obra como um todo.”

Não aprecio ler discursos. Não sou conferencista. Confesso que tenho certas dificuldades com frases belas e poéticas. Me identifico com a pesquisa histórica, com a etimologia e toponímia, áreas que me permitem honrar minha entrada nesta Casa de saber e de conhecimento.

Em minha vida pública sempre busquei proferir, dentro das necessidades de cada momento, as melhores informações e recepções através de discursos. Em todo o período que estive à frente da Secretaria de Estado de Cultura, nas solenidades, foram produzidos honoráveis discursos para serem lidos, em atendimento protocolar, no entanto, eu os colocava no bolso do paletó e lá ficavam. Falava de improviso. Não é

bom. Agindo assim, sempre é possível deixar ricas informações de fora, o que não é saudável.

Certamente ao lerem este discurso vão conferir que seu conteúdo é apenas uma síntese do que será dito nesta noite de muitas emoções, neste espaço imponente e importante. No púlpito me reservarei a cumprimentos e agradecimentos.

Acredito que aqueles que aqui estão, na Casa Barão de Melgaço, nesta noite do 27 de maio, certamente estão se deliciando com a arte da incrível poeta Luciene Carvalho, ou ainda ouvindo a voz firme, coloquial, protocolar e didática do acadêmico José Carrara, escolhido para me saudar. Confesso que também estou ansioso para ouvi-lo.

Senhores, aprecio o feitiço da mata e do cerrado, a cultura popular, as lendas e o jeito simples de se viver a vida. Por isso moro num sítio, afastado do burburinho da cidade grande, junto com minha mulher Cristina, ao sopé do Morro de Santo Antonio, um dos pontos de maior historicidade de Mato Grosso, milenar referência do povo bororo e baliza dos primeiros bandeirantes paulistas que se apoderaram desta terra.

Existe na Casa Barão de Melgaço um ambiente de grande densidade intelectual, de amizade sincera e comprometimento. Estou certo disso, vim para contribuir. Sou um homem de desafios e missões. Nesta vida, já as tive, muitas, e certamente a minha entrada na Academia Matogrossense de Letras é mais uma dessas missões, disso não tenho nenhuma dúvida.

Credito a minha entrada nesta Casa aos convites e incentivos para que me candidatasse a uma das vagas existentes. Tenho em minha mente alguns destes nomes: Yasmin Nadaf, Elizabeth Madureira Siqueira, José Cidalino Carrara, Moisés Martins, Avelino Tavares, Benedito Dorileo e, por fim, o convencimento impositivo do presidente Eduardo Mahon.

Recordo-me de, há certo tempo, o acadêmico Benedito Dorileo, em uma conversa amena, ter-me dito que eu deveria estar na Academia, “(...) afinal de contas você já faz parte do Instituto Histórico e Geográfico, publicou livros e participa, há tempos, da vida cultural de nosso Estado”. Eu respondi que não, não possuía trabalho que me permitisse adentrar ao recinto acadêmico. Fiz uma severa auto-crítica e não quis me submeter ao arbítrio acadêmico. No entanto, o convencimento para minha entrada na instituição se deu sobre a possibilidade de contribuir para fazermos um trabalho na instituição na tentativa de nos aproximarmos mais e mais da sociedade, que ainda vê o

imortal acadêmico como um ser intocável e inatingível. Creio que a realidade é muito diferente.

A minha ligação com este casarão é muito antiga, vêm de tempos, não sei de quando nem o porquê, mas por ele tenho imensa afeição.

Certa tarde, Aníbal Alencastro e eu, aqui dentro deste Salão Nobre, estávamos debaixo de um enorme guarda-chuva, sob intensa tempestade que varria os céus e as ruas cuiabanas no final da década de 1990. Falávamos tristes sobre o estado deplorável em que se encontrava a multissecular casa do Almirante Augusto Leverger, com fissuras em suas paredes, telhado aos frangalhos e com as suas portas e janelas comprometidas pela ação fatal do tempo.

Não demorou muito tempo e me vi numa condição política adequada para liderar, na condição de presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, com a devida vênua desta Academia de Letras, a sua recuperação arquitetônica e iniciar um processo de retomada das antigas instalações da Faculdade de Direito de Cuiabá, construída na década de 1960, em cima de terreno pertencente às duas mais antigas instituições culturais de Mato Grosso: o Instituto Histórico e a Academia de Letras. Deu certo.

Olhem ao seu redor, caros leitores e amigos, levantem seus olhares sem curvas nem inflexões. Vejam como é linda a casa do barão, desde tempos que já se vão longe. Quantos de nossos antigos acadêmicos aqui mergulharam os seus olhares no futuro misterioso, preche de surpresas, cheios de pontos de interrogação, imaginando o que de melhor vossas intelectualidades poderiam fazer para termos uma Cuiabá e Mato Grosso com maior comprometimento e resultados nas áreas da educação e da cultura?

Claro que esta Casa sempre foi vista pela sociedade como um centro de irradiação de conhecimento, uma mina de saber e de ritos.

A Academia, da mesma forma que o Instituto Histórico, condôminos que são, abriga mulheres e homens que pensam Mato Grosso de uma maneira peculiar. São pessoas experientes e muito mal aproveitadas, em seu imenso saber e conhecimento, pela sociedade cuiabana e matogrossense e, especialmente, pelos poderes públicos.

Aqui nesta Casa está parcela significativa da intelectualidade de nosso Estado em condições de participar ativamente das mais variadas formas de Conselhos, Câmaras Temáticas, Fóruns, Encontros, Feiras e Congressos, notadamente daqueles voltados às áreas de educação, cultura, história, arqueologia e tantas outras áreas. Podemos, devemos e queremos ser melhor aproveitados. Temos cabedal. O momento é propício,

pois nosso presidente, Eduardo Mahon, na plenitude de seu poder e afeito a todos os contratempos está nos mostrando novos caminhos.

Sabemos que o Brasil é um dos países mais desiguais da Terra. O drama da desigualdade se repete em Mato Grosso, com problemas que vêm de longe e suas causas são profundas.

O maior problema de todos é a educação precária que temos. Temos o dever de oferecer “luz” aos jovens e crianças desta terra, iluminando as novas gerações. Quando digo que temos, é no sentido global: sociedade civil organizada e governos, tanto dos municípios, quanto do Estado ou da União.

A Era da Escuridão pertenceu à Idade Média, que ganhou esse nome não por falta de luz, mas porque os homens daquele tempo se recusavam a vê-la. Nós somos parte significativa desta “luz”. Temos conhecimento e voz querendo somar-se à de tantos outros personagens e atores em busca de novos tempos.

Ao expressarmos preocupações e anseios humanos em fusão multicultural com a nossa sociedade, nos propomos ser a ponte que poderá levar ao grande pote do conhecimento, ainda comprimido entre o passado e o presente, com fortes anseios de promissor futuro.

Vivemos numa terra rica não apenas em cultura e tradição. Mas poderosa e próspera com notáveis safras agrícolas e pastos inundados de gado bovino que nos levam aos mais altos patamares de produção no país.

São ótimas as notícias advindas do agronegócio. Seu impressionante crescimento a partir da década de 1970, com impulso nas décadas posteriores, confirma Mato Grosso como um dos maiores fornecedores globais de alimentos.

Temos que cultuar ao *matogrossismo*, termo cunhado e publicado na Enciclopedia Ilustrada de Mato Grosso, escrito em 2003, para designar o sentimento de amor a este Estado.

O *matogrossismo* é o sincronismo que deve haver entre os poderes políticos, a classe industrial, o agrobusiness, a sociedade civil organizada e o povo em geral.

Esta Academia por seu espaço já conquistado junto à sociedade suscita enorme expectativa na política de resultados que irá advir de novas propostas e propósitos.

Por estarmos em fase dinâmica e diferenciada acredito que poderemos ousar e propor atividades e parcerias junto aos governos e à sociedade em geral para que a educação em Mato Grosso tome novos rumos, que sejam promovidos intercâmbios

culturais entre os países da América do Sul, pois afinal, somos o Centro Geodésico deste continente. Isso é muita coisa. Vale a pena lembrar que apenas a cidade de Cuiabá pode-se valer desta prerrogativa, e pouco, quase nada se fez ou se faz para valorizar este presente da natureza.

Enfim, conclamo que sejam abertas as comportas do conhecimento e do espaço acadêmico às pessoas carentes do saber e do conhecimento contidos neste sodalício.

Sei que existe nesta Casa um ambiente de grande densidade intelectual, de amizade sincera e, com evidente limitação, passo a reverenciar, de forma sintética, nas próximas páginas, o currículo cultural do meu Patrono e dos meus brilhantes antecessores.

Esta parte do meu discurso vou dedicar ao Patrono da Cadeira 27, o brilhante advogado, jornalista e escritor José Barnabé de Mesquita (Senior), e também dos ocupantes de seu assento, a poeta e conferencista Ana Luiza Prado Bastos e o historiador e poeta Ubaldo Monteiro da Silva.

Tenho a dizer que o estudo de parte de suas obras bastou-me para elevar o senso de responsabilidade com que assumo a Cadeira 27, e que tenho por objetivo levar para frente o magnífico trabalho e legado por eles deixados.

Faz parte de meus projetos e é de minha vontade promover trabalhos culturais que possam penetrar fundo em nossa juventude, sendo indispensável esta parceria, através de seu legado cultural, com meus predecessores.

O Patrono da Cadeira 27, que passo a ocupar é José Barnabé de Mesquita, nascido em Diamantino em 7 de março de 1855 e falecido em Cuiabá, em 1892. Seus pais foram o capitão Barnabé de Mesquita Moniz e Maria Rita de Mesquita.

Seu pai faleceu relativamente jovem, deixando-o ainda pequeno, com três irmãs e a mãe para serem por ele amparadas.

Por ser o único filho homem passou a trabalhar bem jovem, empregando-se em uma casa de comércio, permitindo-lhe sustentar a mãe e irmãs.

Homem de ação e de visão, não demorou e passou a trabalhar por conta própria. Com seu negócio acumulou economias o suficiente para se mudarem de Diamantino para Cuiabá, trazendo suas irmãs e mãe.

Deitou-se a trabalhar de guarda-livros e depois conseguiu registro de advogado provisionado, atuando em toda a comarca da capital e região. Foi estimado professor de latim, inspetor de escola, auditor de guerra e Procurador Fiscal do Tesouro do Estado de Mato Grosso.

Por conta de suas intensas atividades, incluindo-se aí a de escritor e jornalista, tornou-se um político liberal e republicano, tendo participado do movimento abolicionista em Mato Grosso.

Participou da criação do Partido Republicano Mato-grossense, em 12 de agosto de 1888.

Em maio de 1891, se casou com Maria de Cerqueira Caldas, tendo nascido em 10 de março de 1892 o seu único filho, o qual herdou o nome do pai: José Barnabé de Mesquita.

Cinco meses após o nascimento de seu filho, morre de forma súbita o advogado José Barnabé de Mesquita (Senior), e por ter sido expressiva sua vida pública e também no campo das letras, não se poupando à pira inexorável do tempo, foi homenageado pela Academia Mato-Grossense de Letras, sendo o Patrono da Cadeira 27.

A primeira ocupante da Cadeira 27, foi a cuiabana Ana Luiza Prado Bastos, mulher atuante e dinâmica que muito bem representou a classe feminina, sendo pioneira nesta instituição.

Sobre Ana Luiza a acadêmica Yasmin Nadaf produziu texto intitulado “Sob o signo de uma Flor”, publicado por ocasião do aniversário da Academia Mato-Grossense de Letras, no ano de 2011: “Nasceu em Cuiabá-MT, aos 24 de agosto de 1898. Seus pais foram Egídio da Silva Prado e Regina Leverger Corrêa Prado. Seus estudos foram realizados na Capital, tornando-se professora pela Escola Normal Pedro Celestino, formando-se no ano de 1917, ocasião em que foi lecionar em Três Lagoas e depois em Campo Grande.

Em 1921, quando foi criado o Centro Mato-Grossense de Letras, integrou o quadro dos sócios fundadores, tendo sido a primeira mulher a integrar os quadros e também sua primeira diretoria, na função de Tesoureira.

Detentora de cultura exemplar, colaborou em diversos periódicos de Mato Grosso, a exemplo da Folha da Serra, de Campo Grande, contribuindo com muitos artigos sob o pseudônimo de Delorme Vaz e também Zilá Donato.

Foi uma das fundadoras do Grêmio Literário Júlia Lopes, ao lado de Maria Dimpina Lobo Duarte, Marianinha Póvoas, Maria de Arruda Müller, Regina Prado e muitas outras, responsáveis não só pela administração da entidade, mas vanguardistas no espaço cultural, criando a revista A Violeta, periódico de grande circulação nos

meios intelectuais de Mato Grosso. Faleceu no Rio de Janeiro-RJ, aos 82 anos, lúcida e produtiva intelectualmente.”

Com a prerrogativa de ter sido a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia de Letras, Ana Luiza não trouxe consigo somente seu conhecimento cultural e intelectualidade, mas, também, em sua bagagem vinha um sobrenome que a credenciava para estar no casarão do Barão de Melgaço, o de *Leverger*, de quem descendia, não deixando de registrar o *Silva Prado* e *Corrêa*, que demonstrava a sua grande responsabilidade com a memória histórica de nossa terra.

Era chamada pelas amigas e familiares de “Professora Galega”, certamente pela tez que possuía. Em seu discurso de posse na Cadeira 27, em 18 de novembro de 1987, o acadêmico Ubaldo Monteiro da Silva destacou os últimos tempos de vida da Professora Galega: “Na velhice fora a senhora austera, respeitada, de belos predicados, frutos da rígida educação de berço, a que a sociedade-elite de Cuiabá de outrora, se sujeitava”.

Ainda é Ubaldo quem nos relata reminiscências de Ana Luíza, em seu discurso de posse, onde a ocupante da Cadeira 27, na cidade de Campo Grande, no ano de 1934, ao proferir palestra sobre a Semana da Criança, com o tema *Carinhos Maternos*, assim se pronunciou:

“Carinhos maternos! revelação Sublime do amor de mãe! desse amor imensurável, desse amor indizível, desse amor inquebrantável que nasce com as primeiras manifestações vitais do ser; cresce aos primeiros vagidos da criança, fortalece e se aprofunda com o suceder dos dias, sejam elas bonançosos, de céu azul e mar de rosas, ou procelosos, de vagas encapeladas, toldadas de chumbo, desse amor que sobrevive à mudez marmórea do sepulcro, impotente na sua obra destruidora, para só desaparecer com o cessar de bater rítmico do coração de mãe, dessa fonte inexaurível de bondade e ternura, de paciência e abnegação, de amor e de perdão! Amor materno! sentimento divino concedido, prodigamente pelo Criador à espécie animal e tanto mais forte, profundo e intenso, quanto mais perfeitos são os seres por ele ligados! Ora, se o amor tem o poder mágico de transformar em altas qualidades os defeitos e senões do objeto amado, como poder do amor materno que é o mais poderoso, o mais forte, o mais sincero, o mais sublime de todos os amores, fugir a essa lei geral da psicologia humana”.

Ana Luiza, que nos últimos tempos de sua vida, no Rio de Janeiro, escreveu uma poesia para seu bisavô, Augusto Leverger, conviveu com a melhor safra de mulheres da

que ajudaram a construir nossa identidade cultural e suas ações conjuntas ecoam até os dias de hoje, sendo seus trabalhos referências bibliográficas a quantos queiram saber sobre a vida literária dos tempos de sua afirmação em nosso cenário cultural.

Tenha certeza Ana Luiza que vamos trabalhar juntos na perpetuação do nome de seu bisavô, o Barão de Melgaço, e que em seu profícuo trabalho buscarei inspiração e formas para sua eternização.

Conheci Ubaldo Monteiro da Silva na cidade de Várzea Grande, em 1991, sendo a ele apresentado pelo então Senador Júlio Campos, ocasião em que eu dirigia um projeto cultural denominado “Projeto Memória Viva - Mato Grosso tem História”, do qual me orgulho de ter sido o idealizador. Ubaldo gostava do projeto e discutíamos bastante sobre história de Mato Grosso e especialmente de Várzea Grande, da qual era um especialista, não apenas por ali ter nascido, mas por sua dedicação ao tema.

O Coronel Ubaldo, como apreciava ser chamado, nasceu em Várzea Grande, a 16 de maio de 1916, sendo seus pais Alfredo Monteiro da Silva e Ana Emília da Silva, de tradicional família de papa-bananas, sendo neto de Benedito Monteiro da Silva - o *Sinhô Monteiro*.

Seus primeiros estudos foram cursados no Grupo Escolar Senador Azeredo, o secundário no Liceu Cuiabano e o superior no Curso de Formação de Oficiais da Polícia, Rio de Janeiro, diplomando-se no ano de 1943.

Foi casado com Neuza Ribeiro Monteiro da Silva e quatro filhos: Suíse Monteiro Leon Bordest, Ubaldo Monteiro Filho, Afonso Monteiro da Silva e Afrânio Monteiro da Silva.

A política sempre permeou a família de Ubaldo, pois sua esposa Neuza foi vereadora em Várzea Grande, da mesma forma como foram seus filhos Afonso e Afrânio.

Ubaldo se elegeu deputado estadual, nas legislaturas de 1959-1963, e de 1964-1966. Durante o período de exceção, iniciado com a Revolução de 1964, negou-se a se candidatar a qualquer cargo, mesmo tendo sido conclamado pela população.

Ainda no campo da política, mesmo não sendo o protagonista, contribuiu decisivamente para a eleição de sua mulher e de seus dois filhos, quando estes se candidataram. Ubaldo participou ativamente da vida política de Várzea Grande, sempre opinando nas administrações de prefeitos, que apreciavam seus sábios conselhos.

Dentre os que o ouviam registra-se a prefeita Sarita Baracat e os prefeitos Ari Campos, Júlio Campos, Gonçalo Pedroso Branco de Barros, Jaime Campos, Carlos Gomes e Nereu Botelho.

Em 1943 deixa o Rio de Janeiro e retorna à Mato Grosso, onde desenvolveu notável vida pública e militar. Foi diretor do Detran e no ano de 1951, fundou o Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, tendo dirigido a Academia até 1956, da qual lecionou em quatro disciplinas, tendo sido preceptor de grande número de ilustres mato-grossenses.

A Polícia Militar, sediada em Cuiabá, constituiu um importante museu que guarda a memória da mesma Instituição. Foi ela inaugurada, em 2009, com o nome de Ubaldo Monteiro da Silva, seu grande colaborador.

O seu gosto pela história e literatura levou-o a ocupar espaço permanente nas duas instituições culturais mais antigas de Mato Grosso, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-Grossense de Letras.

Detentor de vasta cultura, ao longo de sua vida publicou muitos artigos, em periódicos mato-grossenses, assim como os seguintes livros: *Meus Varzeanos* (versos), *No Portal da Amazônia*, onde retrata de forma detalhada a história de Várzea Grande, sua terra natal; *Cuiabaninhos* (contos); *A Polícia de Mato Grosso*; *Flor de Pequi* (romance); *Várzea Grande, Passado, Presente e Confrontos*; *Senzalas Mato-grossenses*; e *Sesmaria do Capão do Negro*, dentre vários outros escritos.

Ubaldo gostava e participava dos feitos de seu clube do coração, o Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense.

Outra área que o Coronel Ubaldo se destacou foi na música, tendo composto o Hino de Várzea Grande e a letra da Marcha do Centenário.

Ainda no campo da cultura teve destaque sua participação como presidente da Casa de Cultura de Várzea Grande e da Biblioteca Municipal.

Suas intensas atividades lhe renderam muitas homenagens de entidades e órgãos governamentais, dentre as quais se destacam a Ordem de Mérito de Mato Grosso e a Ordem do Mérito Legislativo de Mato Grosso, além da Comenda Filinto Müller, recebida em 9 de fevereiro de 1984, a qual guardou com carinho, até a data de sua morte.

Faleceu em Várzea Grande-MT, aos 29 de maio de 2004, deixando grande legado cultural. Após seu passamento, a família doou, em 2010, ao Arquivo da Casa Barão de Melgaço, o inédito e precioso acervo que pertenceu a Ubaldo Monteiro da

Silva hoje já catalogado, aguardando tão somente a sua digitalização, que não demora será concluída.

Vejo que é hora de terminar, especialmente para quem não é dado aos discursos. Concluo com um profundo agradecimento à acolhida advinda do Senhor Presidente Mahon e dos nobres companheiros deste Templo do Saber, que buscam salvaguardar nossa memória acadêmica.

Agradeço à minha família e aos amigos e amigas que aqui compareceram, à sociedade, e, finalmente aos meus colegas Acadêmicos, com os quais passo a compartilhar este espaço.

“Os poetas e os romancistas são aliados preciosos, e o seu testemunho merece a mais alta consideração, porque eles conhecem, entre o céu e a terra, muitas coisas que a nossa sabedoria escolar nem sequer sonha ainda. São, no conhecimento da alma, nossos mestres, que somos homens vulgares, pois bebem de fontes que não se tornaram ainda acessíveis à ciência.” “Delírios e Sonhos”, de Jensen (1907).

Currículo Cultural

João Carlos Vicente Ferreira nasceu no dia 27 de março de 1954, na cidade de Santa Cecília do Pavão, região norte do Paraná. Sua família por parte de pai é do sul do Estado, região de Guarapuava, tendo seu bisavô, Fábio Vicente Ferreira, lutado na Revolução Federalista, ao lado de Gumercindo Saraiva. De seu lado materno todos são paulistas, da região de Águas de Santa Bárbara.

É casado com Eleonor Cristina Ferreira e são pais de Ana Carolina, Maria Rita e João Guilherme, que lhes deram cinco netos: Gian Lucca, Sofia, João Miguel, Yuri e João Davi.

Atuou profissionalmente em várias frentes de trabalho, tendo sido empresário no ramo da publicidade por muitos anos no Estado do Paraná.

Foi articulista do jornal O Estado do Paraná, de circulação interestadual, com sede em Curitiba-PR (período 1984-1987). Da mesma forma atuou no jornal Correio de Notícias, com sede em Curitiba-PR, de circulação interestadual, grande tiragem e periodicidade diária.

Atuou como redator do jornal A Gazeta Regional, de circulação quinzenal, com sede em Mandaguari-PR (período 1986--1988).

Também foi Editor do Jornal dos Municípios, órgão oficial da Associação dos Municípios do Setentrião Paranaense, com sede em Curitiba-PR (período 1988).

Idealizador e apresentador do programa de televisão Perfil Paranaense, na TV Maringá - Rede Bandeirantes, na cidade de Maringá-PR (período 1988-1989).

Idealizou, coordenou e realizou o I FEST VÍDEO, Festival Nacional do Vídeo Amador, em 1990. Este evento obteve intensa repercussão na mídia nacional, com participação de 17 Estados da Federação e 146 vídeos inscritos, recebendo elogios da crítica especializada.

Diretor cultural da Fundação Júlio Campos, entidade civil sem fins lucrativos, com sede em Várzea Grande-MT (período 1992-1994).

Foi diretor do jornal O Estado de Mato Grosso, em circulação desde 1939, em Cuiabá-MT (período 1995).

Idealizou e instituiu o Projeto Memória Viva, que objetivava a recuperação, registro e divulgação da memória histórica dos Municípios do Estado de Mato Grosso. Os veículos utilizados para a divulgação deste projeto foram vídeos documentários, fascículos ilustrados e o programa de TV Você Sabia?, na TV Brasil Oeste.

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, por quatro gestões consecutivas, do ano 2002 até o ano de 2010;

Secretário de Estado de Cultura de Mato Grosso, no período de maio de 2004 a fevereiro de 2008;

Presidente do Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura no exercício de 2007;

Editor da Editora Memória do Brasil, com sede em Cuiabá, desde agosto de 1996, até os dias de hoje.

Pesquisador e editor já escreveu diversos livros, dentre os quais podemos citar *Mato Grosso e Seus Municípios* (1996), com tiragem de 28 mil exemplares em quatro edições posteriores, *Enciclopédia Ilustrada de Mato Grosso* (2003), *Etimologia Toponímica de Mato Grosso* (2011), *Mato Grosso Política Contemporânea* (1993), *Breve História de Mato Grosso e de Seus Municípios* (1992), que divido com o historiador Paulo Pitaluga, *Cidades de Mato Grosso Origem e Significado de Seus Nomes* (1996), já com quatro reedições e que divido a capa com o historiador Padre José de Moura e Silva, *História de Campo Verde* (2012), *História do Paraná e de seus Municípios* (1995), *História do Pará e de seus Municípios* (1999), *Coleção Municípios*

na *História*, com 13 títulos da região do Vale do Rio Cuiabá (2010), *Coleção Municípios de Mato Grosso*, da Fundação Júlio Campos, com 9 títulos.

Livros em produção e no prelo:

- *“Pela Fresta da Janela”*, romance ambientado no período da Guerra do Paraguai, edição do autor, com previsão de lançamento em fins de 2015;

“De Lisboa à Brasília”, trabalho de etimologia e toponímica sobre todos os municípios dos países de língua portuguesa, em número de oito distribuídos por três continentes, em pesquisa final e previsão de lançamento no começo de 2015;

“O Indomável - Diamantes de Mato Grosso”, livro em fase inicial de pesquisa que versa sobre a história relacionada a fatos, lendas e aos ciclos econômicos e importância do diamante em Mato Grosso, previsão de lançamento em dezembro de 2014;

“Senhor Divino Espírito Santo - Passeio por sua remota história, culto e devoção em Mato Grosso”, livro no prelo, com previsão de lançamento no dia 6 de junho de 2015.